

CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Maria Cristina da Cunha Pereira
DERDIC/PUCSP
Cepre-FCM-UNICAMP

Ricardo Q. Nakasato
DERDIC-PUCSP

Este trabalho teve origem em um projeto de iniciação científica que um dos autores deste trabalho (Pereira, 1997) orientou e cujo objetivo era analisar o relato de histórias por crianças surdas na interação com um adulto surdo, fluente na língua de sinais e com uma professora ouvinte que estava aprendendo a mesma.

A este estudo outros se seguiram sempre com o objetivo de analisar o relato de crianças surdas, filhas de ouvintes, expostas à Língua de Sinais Brasileira na escola, na interação com um surdo adulto.

As crianças de todos estes estudos tinham de três a seis/sete anos de idade e ainda não escreviam.

Para proceder à análise dos dados, os relatos foram transcritos por ouvintes, assessorados por adultos surdos que faziam o papel de instrutores surdos.

A análise destes relatos evidenciou, de um modo geral, que, enquanto as crianças mais novas nomeavam os objetos e as ações ilustradas nas figuras, as mais velhas eram capazes de construir narrativas com começo-meio-fim, e muitos detalhes, bem como não necessitavam da presença do livro para fazê-lo. Tais dados apontavam, portanto, para um processo de construção da narrativa semelhante ao observado em crianças ouvintes.

Embora se pudesse afirmar que os relatos das crianças tinham coerência, o mesmo não podia ser dito em relação à coesão. Não se observavam sinais aos quais se pudesse atribuir a função de elementos coesivos no discurso.

Este fato e outros observados no trabalho com crianças surdas expostas à Língua de Sinais Brasileira levaram os autores deste trabalho – uma lingüista ouvinte e um adulto surdo, instrutor da Língua de Sinais Brasileira - a retomar algumas das gravações já analisadas com o objetivo de confirmar a ausência das marcas de coesão nos relatos. A constatação de movimento corporal e de expressão facial evidenciou a presença de elementos coesivos percebidos visualmente apenas pelo pesquisador surdo.

Com base nesta observação decidimos proceder ao estudo de relatos de adultos surdos, usuários da Língua de Sinais Brasileira, para verificar como se dá o estabelecimento da coesão na mesma. Trata-se de um estudo preliminar, na medida em que dispomos de poucos dados, tanto de relatos como de literatura.

A língua de sinais que tem sido objeto de mais estudos na literatura é a americana. No entanto, embora se encontrem trabalhos que focalizam tanto aspectos lingüísticos, como sócio e neurolingüísticos, pouco se acha ainda sobre a construção das narrativas e, especificamente, sobre as estratégias utilizadas pelos seus usuários – sinalizadores – na organização das idéias no texto. Em relação à Língua de Sinais Brasileira, de modo geral, os estudos não ultrapassam, até o momento, o nível das frases.

Levando-se em conta que, mesmo nas línguas processadas através do canais oral/aural, a coesão tem despertado muita discussão entre os estudiosos, o nosso objetivo é iniciar uma discussão que será certamente seguida por outras.

Para Bastos (1998), que estudou o uso da coesão nas narrativas de estudantes brasileiros, a coesão está relacionada à organização textual, ou seja, a como as frases se organizam em seqüências, expressando proposições. Para a mesma autora, a coesão se estabelece a partir de marcas mais ou menos fixas, dado que a narrativa é uma configuração discursiva fortemente previsível. À estrutura narrativa correspondem certas escolhas lingüísticas, certos mecanismos de coesão textual.

A coesão textual, segundo Ingedore Koch (1990), diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Koch considera duas grandes modalidades de coesão: a referencial e a seqüencial. A coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto remete a outro elemento do universo textual e, em português, pode ser expressa através dos pronomes pessoais, dos possessivos, dos demonstrativos, dos interrogativos, bem como dos numerais.

A coesão seqüencial diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, fazendo o texto progredir. A progressão do texto, em português, pode ser feita através da recorrência de termos de estruturas, de tempo, bem como através de marcas lingüísticas como conectores de diversos tipos, como então, também, além disso, entre outros. Pode se dar também através da justaposição, com ou sem partículas seqüenciadoras.

No estudo da coesão na Língua de Sinais Brasileira é importante enfatizar que, diferentemente das línguas processadas através do canal oral/aural, as línguas de sinais usam as mãos e o rosto em vez do aparato vocal e é percebida pelo olho em vez de pelo ouvido (Emmorey, 1995).

Os primeiros estudos sobre as línguas de sinais, particularmente sobre a Língua de Sinais Americana, revelaram que ela apresenta organização formal nos mesmos níveis encontrados nas línguas faladas, incluindo um nível sub-lexical de estruturação interna do sinal (análoga ao nível fonológico das línguas orais) e um nível gramatical, que especifica os modos como os sinais devem se combinar para formar frases e sentenças (Stokoe, 1960).

Trabalhos posteriores (Baker e Padden, 1978) apontaram a importância de se considerar não só as mãos, mas as expressões faciais, os movimentos da cabeça e do corpo como portadores de informação lingüística na Língua de Sinais Americana.

Por serem articuladas principalmente através do uso das mãos e do rosto, as línguas de sinais são produzidas no espaço e tendem a explorar o uso do espaço que cerca o sinalizador. No entanto, o uso do espaço é mais do que o simples resultado físico da modalidade visual/gestual; é parte integrante da gramática das línguas de sinais.

Sinais individuais, como alguns verbos, por exemplo, usam o espaço como parte do significado do sinal. A referência pronominal nas línguas de sinais envolve a associação de elementos nominais a localizações espaciais. Assim, atribui-se um lugar arbitrário no espaço de sinalização para objetos ou pessoas e a referência aos mesmos se dá através um sinal de apontar, do olhar ou mesmo de um movimento de cabeça em direção ao lugar previamente estabelecido. Também no discurso, é possível se estabelecer ligação entre um enunciado e os anteriores através da atribuição de localizações no espaço. A referência espacial funciona, portanto, como um recurso coesivo nas línguas de sinais.

Lidell (1995), por exemplo, observou que os sinalizadores se referem a personagens de uma história como se os mesmos estivessem no ambiente do sinalizador. Assim, ao relatar a interação entre dois personagens, um adulto e uma criança, por exemplo, o sinalizador olhará para cima quando se referir à criança sinalizando para o adulto e olhará para baixo quando for o adulto que está sinalizando para a criança.

O relato das ações na Língua Americana de Sinais é descrito por Winston (1991) como um “role-playing” no qual o sinalizador assume a postura e realiza as ações de um personagem. A autora descreve a interação dinâmica da ação construída e dos diálogos como estratégias de discurso usadas para envolver a audiência.

De forma semelhante às línguas processadas através da modalidade oral/aural, a coesão na Língua de Sinais Americana pode ser criada através de uma variedade de traços lingüísticos, incluindo repetição de sinais, uso da referência espacial e uso de conjunções. A coesão nas línguas de sinais, como nas orais, não é uma estratégia usada por um falante, mas é o efeito que é criado quando enunciados se combinam para criar um texto (Winston, 1973).

Com base na pouca literatura encontrada, é objetivo deste trabalho estudar formas de expressão da coesão na Língua de Sinais Brasileira. Por se tratar de um tema muito extenso, optamos, neste trabalho, por focalizar apenas o que Koch (1990) chama de coesão seqüencial e dentro desta categoria privilegiamos o uso de marcas lingüísticas.

Como já foi referido, o nosso objetivo é, principalmente, desencadear pesquisas sobre os diferentes recursos que adultos e crianças surdas usam em seus discursos narrativos na Língua de Sinais Brasileira.

METODOLOGIA

Para proceder a este estudo, realizamos gravações com equipamento de Video-Tape de relatos sinalizados, produzidos por três adultos, usuários fluentes da Língua de Sinais Brasileira, dois surdos e um intérprete, considerado pela comunidade de surdos usuário fluente da Língua de Sinais Brasileira. Foi solicitado aos sujeitos que relatassem contos de fadas ou pequenas histórias que, depois de lidas, deveriam ser reproduzidas. Nenhum dos sujeitos tinha conhecimento do objetivo das gravações. As gravações foram realizadas sempre por um dos autores deste trabalho, Ricardo, adulto surdo, instrutor da Língua de Sinais Brasileira, que fazia o papel de interlocutor.

Todas as gravações foram transcritas, considerando-se os sinais, a expressão facial, os movimentos corporais, enfim todos os aspectos que pareciam ter um papel na narrativa.

Os dados foram transcritos usando-se glosas do português e descrevendo-se os sinais não manuais, como postura do corpo, movimento da cabeça, dos olhos, da boca, do corpo, expressão facial, enfim todos os recursos utilizados pelos sujeitos. Os sinais foram transcritos em letra maiúscula e a descrição dos movimentos, da expressão facial, assim como de todos os outros aspectos, em letra minúscula, entre parênteses.

ANÁLISE DOS DADOS

Considerando que o presente estudo é pioneiro no estudo da coesão na Língua de Sinais Brasileira, e considerando, também, as peculiaridades envolvidas no uso de uma língua processada pelo canal visual/gestual, não utilizamos, na análise dos dados nenhum modelo elaborado para as línguas que fazem uso da modalidade oral/aural. Assim, procuramos descrever o que víamos, lembrando que um dos autores é surdo, conhecedor da Língua de Sinais Brasileira, mas com pouca formação sobre teoria lingüística, e o outro, embora lingüista, é ouvinte e conhece pouco sobre o funcionamento lingüístico da Língua de Sinais Brasileira.

Para proceder à análise dos dados, foram extraídos trechos dos diferentes relatos, nos quais a presença da expressão facial, do movimento do corpo ou algum sinal levavam a acreditar que se tratava de marcas coesivas na Língua de Sinais Brasileira.

Destes trechos, destacamos alguns exemplos que serão discutidos a seguir.

Exemplo 1 - Este trecho foi extraído de uma história que tem como tema uma pedra enorme que impede a passagem do narrador.

PENSAR DAR-A-VOLTA PEDRA PASSAR-POR-CIMA (expressão facial de pensativa – olhos bem abertos, movimento de levantar a sobrancelha, boca estendida lateralmente) SUJO ROUPA COMO FAZER (expressão facial interrogativa) PENSAR/PENSAR/PENSAR ENTÃO (com movimento de girar o dedo indicador, interpretado como ENTÃO + expressão facial pensativa) MELHOR VOLTAR.

Vê-se que, neste exemplo, expressão facial e sinal ocorrem simultaneamente. Embora se possa pensar em redundância das línguas de sinais, a expressão facial é traço distintivo, na medida em que se mudando a expressão facial se muda o sentido do que está sendo sinalizado.

Esta afirmação pode ser constatada no exemplo abaixo, em que o sinal utilizado pelo narrador é o mesmo, mudando apenas a expressão facial.

Exemplo 2 – Trecho extraído da história do Chapeuzinho Vermelho. A mãe de Chapeuzinho pede à filha que vá à casa da vovó.

PORQUE ELA (apontando para um lugar longe dos dois) DOENTE LÁ ENTENDER (expressão facial de pergunta) (abaixando um pouco o corpo como se falasse com uma criança, levanta o corpo e olha para a esquerda com expressão facial de concordância) SIM MAMÃE (como se Chapeuzinho Vermelho estivesse olhando para a mãe) TUDO BEM (movimento de virar o corpo para o lugar estabelecido para o Chapeuzinho Vermelho e olha um pouco abaixo, balançando a cabeça) ENTÃO (movimento de girar o dedo indicador, interpretado como ENTÃO) (com a mão traça o caminho, mais expressão facial de entender?) CASA VOVÓ ENTENDER OLHAR (expressão facial de atenção) CAMINHO.

Ao observar os exemplos acima, pode-se notar que o que os diferencia é a expressão facial, de dúvida no exemplo 1 e de confirmação quanto ao entendimento, no 2. Vale ressaltar que a expressão facial é um recurso bastante produtivo na Línguas de Sinais Brasileira, bem como nas outras línguas de sinais estudadas.

O uso de comportamentos simultâneos para relacionar os eventos pode ser observado no exemplo abaixo.

Exemplo 3 – No trecho, extraído do relato da história do Chapeuzinho Vermelho, o caçador tira a vovó da barriga do lobo.

PULAR ABRAÇAR FELIZ ABRAÇAR DUAS PULAR FELIZ (bate palmas) (sinal de mãos abertas, palmas voltadas para baixo, em frente ao corpo, e movimento de voltar as palmas para cima, afastando-as, mais movimento com o corpo para frente e expressão facial pensativa) VIR COMER SENTAR PESSOAS (uso de classificador que se refere a pessoas sentadas em volta da mesa) COMER SIM (expressão facial de levantar as sobrancelhas, olhos bem abertos) FIM

Neste exemplo, o sinal, o movimento do corpo e a expressão facial juntos parecem responder pela coesão entre os eventos: achar a vovó e a comemoração.

Nos três exemplos acima, observa-se uma relação de conclusão entre os enunciados, expressa através de um ou mais recursos coesivos.

No exemplo abaixo, no entanto, uma relação diferente parece ser expressa entre os eventos.

Exemplo 4 – O narrador conta uma história que leu e que tem como tema o carnaval.

EU NÃO GOSTAR CARNAVAL (mãos abertas, palmas voltadas para o interlocutor, interpretado como MAS) ANO PASSADO ACONTECEU (expressão facial confirmação) ALGUMA-COISA IMPORTANTE INTERESSANTE MUITO (com as duas mãos, mais expressão facial de inacreditável)

Como nos exemplos anteriores, observa-se o uso de comportamentos simultâneos, como o sinal e a expressão facial que, juntos, parecem expressar uma mudança de idéia. O uso deste mesmo sinal com expressão facial de susto poderia ser interpretado, por exemplo, como cuidado!

Uma crítica que poderia ser feita a alguns relatos apresentados neste trabalho diz respeito ao fato dos mesmos terem sido lidos e depois contados na Língua de Sinais Brasileira, o que poderia ter influenciado o relato, principalmente no que se refere aos elementos de coesão. Embora este seja um aspecto a ser contemplado em trabalhos futuros, gostaríamos de lembrar que se trata de duas línguas bastante diferentes, não sendo possível a tradução. Ao sinalizar, o narrador interpreta o que entendeu na Língua Brasileira de Sinais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos mostrar que a Língua de Sinais Brasileira dispõe de recursos coesivos que os usuários podem utilizar ao organizarem e darem continuidade aos seus relatos. Tais recursos envolvem sinais manuais e não-manuais, como expressão facial e movimento corporal.

Embora o uso simultâneo de vários recursos possa dar a impressão de redundância, a mudança de um deles acarreta alteração no sentido, o que aponta para um leque de possibilidades de combinação os mesmos.

À guisa de conclusão gostaríamos de ressaltar a importância e ao mesmo tempo a dificuldade de se estudar os recursos coesivos utilizados na Língua de Sinais Brasileira.

A importância está, a nosso ver, na contribuição que estudos como este podem trazer para o conhecimento da Língua de Sinais Brasileira, bem como para o enriquecimento do trabalho com crianças surdas. A dificuldade está, principalmente, no fato de que a maior parte dos lingüistas em nosso país é ouvinte e, assim, tendem a buscar uma equivalência entre recursos usados no português e na Língua de Sinais, assim como tendem a traduzir os comportamentos observados para o português, o que, na maior parte das vezes, é impossível. Além da interferência do português, acrescenta-se a dificuldade que muitas vezes, como ouvintes, temos de sequer perceber todos os recursos utilizados pelos surdos nos relatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In P. Siple (ed.) *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978, 27-57.
- BASTOS, L.K. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. 2ª tiragem da 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- EMMOREY, K. The confluence of space and language in signed languages. In P. Bloom; M. Peterson, L. Nadel and M. Garrett (eds.) *Language and Space*. MIT Press, 1995.
- KOCH, I.V. *A coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- LIDELL, S.K. Tokens and surrogates. In K. Emmorey and J. Reilly (eds) *Language, gesture and space*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995.
- PEREIRA, P.H. *A construção de contos maravilhosos e histórias infantis por crianças surdas*. Projeto de iniciação científica orientado por PEREIRA, MCC e subvencionado pela FAPESP, processo 96/05119-9 e desenvolvido durante o ano de 1997.
- STOKOE, W. *Sign language structure: an outline of visual communication systems of the American Deaf*. 2ª ed. Revised. Silver Springs: Maryland: Linstok Press, 1978.
- WINSTON, E. Spatial referencing and cohesion in an American Sign Language text. *Sign Language Studies* 73, 397-410.